

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica: outros tempos, outras narrativas e outra universidade¹

The epistemological disobedience of (auto)biographical research: other times, other narratives and another university

La desobediencia epistemológica de la investigación (auto)biográfica: otros tiempos, otras narrativas y otra universidad



Rodrigo Matos-de-Souza

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil
rodrigomatos@unb.br

Resumo: A noção de tempo epistemológico tem sido ressignificada nas últimas décadas, por um lado, pela hiperespecialização e pela aceleração da produção acadêmica nas ciências humanas, influenciadas pelo avanço dos padrões globais de circulação do conhecimento em contextos ainda locais; e por outro, por processos cada vez mais claros de resistência epistêmica, que marcam outros tempos de elaboração e outras formas de se perceber a produção acadêmica, e dessa maneira configuram algum tipo de oposição às formas aceleradas de apreensão do real. A educação está imersa nesse imbróglio e traduz essa

¹ O presente ensaio compõe ação derivada do projeto de pesquisa **Colonialismo/colonialidade e educação: cenários de resistência e subordinação**, do grupo de pesquisa Rede Experiência, Narrativas e Pedagogias da Resistência (REDExp) e foi financiado pelo **Edital de Chamada Interna 002/2022 do PPGE-MP/UnB de Apoio Financeiro para Pesquisador, etapa 1**.

dicotomia entre o fazer técnico-aplicado e a crítica educacional como únicas vias possíveis. Aqui, pensamos em uma terceira via, um campo que emerge como possibilidade concreta de compreensão dos tempos escolares e não escolares, do tempo marcado pelas subjetividades, que é a pesquisa (auto)biográfica. Nosso objetivo com esse texto é questionar as formas mais tradicionais de pesquisa em educação, pensando-as como metodologias que ignoram a temporalidade inscrita no fazer educativo e nas relações entre os sujeitos em diferentes espaços formativos. Este ensaio se inscreve na pesquisa (auto)biográfica e, a partir dela, num exercício de bricolagem, revisita alguns debates sobre o fazer biográfico e autobiográfico no âmbito da pesquisa em Ciências Humanas para afirmar seu caráter de campo científico marcado pela desobediência ao proposto pela educação que se anuncia regrada pelo mercado e campo de produção no qual outros corpos, outros tempos ganham materialidade e resistência a partir da narrativa.

Palavras-chave: pesquisa (auto)biográfica; educação; teorias da educação.

Abstract: The notion of epistemological time has been re-signified in recent decades, on the one hand, by hyper-specialization and by the acceleration of academic production in the human sciences, influenced by the advance of global patterns of circulation of knowledge in contexts that are still local; and, on the other hand, by increasingly clear processes of epistemic resistance, which mark other times of production and other ways of perceiving academic production, and thus configure some kind of opposition to the accelerated forms of apprehension of reality. Education is immersed in this imbroglio and translates this dichotomy between the technical-applied and the critical educational approach as the only possible ways. Here, we think of a third way, a field that emerges as a concrete possibility of understanding school and non-school times, the time marked by subjectivities, which is (auto)biographical research. Our goal with this text is to

question the most traditional forms of research in education, thinking of them as methodologies that ignore the temporality inscribed in the educational process and the relationships between subjects in different formative spaces. This essay is inscribed in the (auto)biographical research and, from there, in a bricolage exercise, revisits some debates about the biographical and autobiographical research in Human Sciences to affirm its character as a scientific field marked by the disobedience to what is proposed by education that announces itself as ruled by the market and a production field in which other bodies, other times gain materiality and resistance from the narrative.

Keywords: (auto)biographical research; education; theories of education.

Resumen: La noción de tiempo epistemológico se ha visto resignificada en las últimas décadas, por un lado, por la hiperespecialización y por la aceleración de la producción académica en las ciencias humanas, influida por el avance de los patrones globales de circulación del conocimiento en contextos todavía locales; y por otro lado, por procesos cada vez más claros de resistencia epistémica, que marcan otros tiempos de producción y otras formas de percibir la producción académica, y configuran así algún tipo de oposición a las formas aceleradas de aprehensión de la realidad. La educación está inmersa en este embrollo y traduce esta dicotomía entre la práctica técnico-aplicada y la crítica educativa como las únicas vías posibles. Aquí pensamos en una tercera vía, un campo que emerge como posibilidad concreta de entender los tiempos escolares y no escolares, el tiempo marcado por las subjetividades, que es la investigación (auto)biográfica. Nuestro objetivo con este texto es cuestionar las formas más tradicionales de investigación en educación, pensándolas como metodologías que ignoran la temporalidad inscrita en el proceso educativo y en las relaciones entre los sujetos en los diferentes espacios formativos. Este ensayo se inscribe en la investigación (auto)biográfica y, a partir de ella, en un

ejercicio de bricolaje, revisa algunos debates sobre la investigación biográfica y autobiográfica en Ciencias Humanas para afirmar su carácter de campo científico marcado por la desobediencia a lo propuesto por la educación que se anuncia como regida por el mercado y campo de producción en el que otros cuerpos, otros tiempos ganan materialidad y resistencia desde la narrativa.

Palabras-clave: investigación (auto)biográfica; educación; teorías de la educación

Data de submissão: 01/06/2022

Data de aprovação: 28/08/2022

Entrada

A pesquisa em educação vem adquirindo desde as primeiras décadas do século XXI cada vez mais um caráter acelerado. Alguns desses movimentos de aceleração ocorrem por aquilo que Bachelard (2006) chamou de descontinuidade, outros pela constante obsolescência dos próprios fenômenos, alguns objetos mal conseguem se sustentar enquanto são observados por um doutorando no tempo de execução de sua pesquisa, que se convencionou durar uns quatro anos (lembre-se, caro leitor, a título de ilustração, dos estudos sobre redes sociais, muitas dos quais simplesmente desapareceram ou dos muitos fenômenos culturais que se evanesceram tão rapidamente quanto surgiram) ou mesmo por um tipo de pulsão que nos direciona mais e mais a processos acelerados, por que não dizer excessivos em termos de produtividade, gerando mais artigos e livros do que nossa capacidade de leitura consegue acompanhar. Só os pesquisadores brasileiros, no ano de 2018, publicaram mais de setenta e três mil artigos (FAPESP, 2020), e, não se pode ignorar, a leitura desenvolvida por um pesquisador não se limita ao que é publicado em seu país nem em seu idioma, muito menos se restringe a um formato ou tipologia, como o do artigo.

Temos pouco controle sobre os processos de descontinuidade epistemológica. Por mais oposição que se ofereça, em algum momento, haverá ruptura com os padrões investigativos regidos por outro tempo e que

informam uma sociedade que já não existe mais. Causaria no mínimo espécie de um estudo, exceto de natureza historiográfica, que em nosso tempo presente levasse em consideração o telégrafo como meio de comunicação de massa. Da mesma forma, pouco podemos fazer no que tange aos fenômenos de curta duração, desde os comportamentais aos de consumo – podemos evidentemente não estudá-los, mas a tentação é grande, chegam avassaladores, ocupam vários espaços da cultura e, de repente, como surgiram, desaparecem. Por final, o excesso é algo sobre o qual podemos ter algum controle, já que o excesso de produção acadêmica é uma construção nossa, dos acadêmicos, e sobre ela podemos tentar construir formas de resistir àquilo que duas décadas atrás Jorge Larrosa (2015) chamava de universidade que estava por vir, e ao que parece, chegou.

Essa universidade que se ocupa de *rankings*, de produtividade, por sua força e adequação aos padrões globais de produção do capitalismo vem ocupando o espaço de uma universidade que já existiu marcada pela reflexão, pelo questionamento das normas e dos padrões sociais vigentes e pela resistência, desobediência e subversão dos modos de pensar e inventar outros mundos possíveis. Esses dois modos de existência da vida universitária poderiam até coexistir, mas, para isso, também se requer o tempo de reflexão, a qual vem se retirando para a entrada do pesquisador-máquina, de produção e reprodução fabril, o *paper maker* gerador de índices aceitáveis e dentro dos

padrões esperados para o seu tempo e investimento formativos (MIGNOLO, 2007; KUHLMANN JR, 2014; BERG; SEEBER, 2016; MATOS-DE-SOUZA, 2018).

Esse avanço de uma universidade pretensamente globalizada, em contextos universitários que sempre tiveram impacto local, cria dificuldades adicionais para a existência de instituições que enfrentam também localmente a desconfiança das sociedades em que estão localizadas – as universidades, ao redor do mundo, possuem um valor formativo e de impacto local e regional, poucas conseguem gerar impactos em termos nacionais e, dentro das concepções mais frequentes de internacionalização, ao que parece, somente as universidades de língua inglesa e dos países do Norte geopolítico estão preparadas para as regras do jogo que elas próprias inventaram (CURI FILHO; WOOD JUNIOR, 2021; MOROSINI, 2019).

Quando padrões identificados com a etiqueta de “internacionais” circulam em contextos locais, sua força, o modo verticalizado e confuso como chegam e a colonialidade presente nessa relação assimétrica os fazem parecer universais, e pior, melhores que as soluções que encontramos para nossos problemas contextuais advindos de nossa experiência também contextual. Assim vamos substituindo experiências que já temos, que comprovamos empiricamente em nossos cotidianos por proposições que, no mínimo, demandam tradução, quando não adaptações e, por vezes, algumas distorções para responderem minimamente à nossa realidade (MATOS-DE-SOUZA, 2021). E

será que após todo esse exercício ainda conseguem responder a algo que não seja o desejo de pertencimento representado pela adesão teórica?

Não é de espantar que parte de nossas abordagens e mesmo leituras do real tenham por base dicotomias que não respondem diretamente a sociedades mais complexas, desiguais e marcadas por relações e contratos distintos das sociedades que serviram de modelo às teorias e metodologias que nos chegam do Norte. São tantas as reduções que, no processo formativo de nossos pesquisadores, chegamos a esquecer de que certas nomenclaturas, oposições e procedimentos são linguagem de manual que, para melhor ensinar, reduzem a complexidade a imagens tão concretas que parecem imóveis. Daí vem os binarismos tais como quantidade *versus* qualidade ou objetividade *versus* subjetividade, valores dicotômicos que remontam ao século XIX.

Esse tipo de redução gera a ideia de que a pesquisa desenvolvida nas Ciências Humanas, em determinado período, se faz de determinada forma e obedecendo a determinados padrões e, por mais que a história das ciências construa seus formatos de análise com base nesse tipo de aglutinação, não pode ser verdade que todos os pesquisadores de um campo, no mundo inteiro, desenvolvam pesquisa em um determinado tempo de uma única forma. Assim, quando escrito, o absurdo fica mais evidente.

Daí que não são raros os processos de resistência e de desobediência epistemológica, que propriamente não desobedecem à epistemologia, mas, notadamente, ao senso comum das comunidades científicas – sim, ele existe – quando estas oferecem pouca resistência e questionamento às práticas investigativas que desenvolvem como se naturais fossem. Para desarticular esse movimento de matilha, é preciso “ir além de controvérsias disciplinares e interdisciplinares e do conflito de interpretações”. Enquanto controvérsias e interpretações continuam dentro das mesmas regras do jogo (os termos da conversa), o controle do conhecimento não é trazido à tona” (MIGNOLO, 2021, p. 28).

Neste ensaio buscarei analisar como a pesquisa (auto)biográfica pode ser entendida como uma abordagem epistemológica que desobedece princípios inscritos no senso comum da pesquisa em Educação na contemporaneidade – e, por desdobramento, nas Ciências Humanas –, muitos dos quais são tomados como intransponíveis, contribuindo para que outros modos de existência consigam ser percebidos e considerados como possíveis e outras realidades consigam se inscrever na qualidade de pesquisa científica, mesmo que produza ainda certo desconforto em mentes mais ou menos subservientes à diretrizes eurocêntricas e norte-americanas.

A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica

Podemos identificar a pesquisa em educação, em especial, no Brasil, por dois movimentos éticos traduzidos como abordagens metodológicas, por um lado como pesquisa aplicada (LARROSA, 2015) e por outro pelo que chamarei de crítica documental reativa. A pesquisa aplicada, feita em sua grande maioria tendo a escola como lócus, encontra uma ampla e necessária tradição investigativa que, talvez, estivesse mais bem localizada em programas de natureza profissional que nos acadêmicos. Já a crítica encontra em nossas paragens um movimento distinto daquele que Larrosa (2015) identificou como crítica política, sendo mais bem identificada como uma crítica que opera na reação aos documentos oficiais, que denomino de reativa, já que diferente da função da crítica, não reivindica um lugar para além do comum já feito, de observar os fenômenos provocando-os por sua vanguarda, questionando assim os padrões estabelecidos pelo tempo, antes, seu papel é meramente de resposta, ficando sem rol quando adere eventualmente ao governo de ocasião.

“A crítica abre-se ao debate, tenta convencer, convida à contradição. Torna-se parte do intercâmbio público de opiniões” (EAGLETON, 1991, p. 4), a identificação eagletoniana da natureza da crítica evidencia um problema

de base da crítica em educação, o modo através do qual queremos adentrar ao debate, diferente da crítica da arte que o faz de modo público, na mídia impressa e digital (OSORIO, 2005), o fazemos em artigos científicos, de baixa reverberação e pouca capacidade de influenciar o debate público para além dos muros das universidades. Feita na base da recepção documental, a crítica educacional reativa aguarda a publicação de normativas, leis, portarias e documentos oficiais para exercer sua função, mas quando o faz, dedica-o ao consumo interno, pelos seus pares também acadêmicos ignorando um público potencialmente interessado no que o crítico teria a dizer, mas que não vai acessar um periódico científico com sua linguagem hermética e acesso dificultado pela baixa circulação e indexação.

O problema desses dois movimentos, por um lado a pesquisa aplicada e por outro a crítica documental reativa, é que ambas ocupam muito espaço na pesquisa em educação, deixando pouco para algo que diuturnamente afirmamos ser importante para nosso fazer, a experiência. Se a experiência estiver, de fato, inscrita naquilo que nos disse Heidegger (2003, p. 121) “[...] Fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma”, de um fazer que não operacionalizamos, cujo sentido “de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo

que se faz, que se envia, que se articula”, estamos distante dela em muitos graus. A experiência não pode ser confundida com experimento, com algo controlado que é feito, por exemplo, numa pesquisa aplicada, é algo que está na ordem do acontecimento.

A experiência, em geral, não é algo banal, porque somos invadidos pelo excesso de informação, de opinião e pela própria aceleração com que estes fenômenos linguísticos estão tomando o espaço do genuíno, do único, do primeiro e inserindo na vida moderna cada vez mais repetições que parecem autênticas e nos fazem chegar ao final do dia exauridos com a infinidade de eventos que passamos, sem que nenhum deles se tenha tornado experiência, porque não nos tocam. (MATOS-DE-SOUZA, 2018, Tradução nossa [1], p. 209

[1] “La experiencia, en general, no es algo banal, pues estamos invadidos por el exceso de información, de opinión y la propia aceleración con que estos fenómenos de lenguaje están tomando el espacio de lo genuino, de lo único, de lo primero e insertando en la vida moderna cada vez mas repeticiones que parecen auténticas y nos hacen llegar al final del día extenuados con la infinidad de acontecimientos por los cuales pasamos, sin que ninguno se haya convertido en experiencia, pues no nos tocan”

A experiência como valor está associada à dimensão do registro, pois a mesma sem o relato, sem sua elaboração enquanto linguagem, não pode ser compreendida pelo outro, já que não adquire sentido em relação à própria vida (LARROSA, 2015), assim sendo, a narrativa é o texto da experiência por excelência, não somente por guardar o relato do acontecimento, mas também por permitir uma nova experiência se dê no ato da leitura.

A Pesquisa (Auto)Biográfica, ao longo de seu século de vida, tendo como marco as narrativas dos camponeses poloneses na Europa e na América do Norte (THOMAS; ZNANIECKI, 1998), veio produzindo em diferentes áreas do conhecimento humano diferentes modos de apreensão da experiência, produzindo assim um acúmulo de linguagem da experiência, mas também formas de tentar registrar, de alguma maneira, o que toca e transforma os seres humanos em sua relação com o mundo (LEJEUNE, 1975; CLANDININ; CONNELLY, 2015; PINEAU, 2006; SOUZA, 2006; DELORY-MOMBERGER, 2018). E dessa forma, ao adentrar a observação da experiência, ingressa justamente num espaço por vezes recusado nas Ciências Humanas que tomam o narrativo como algo pouco seguro, pouco confiável e até indomável (BOURDIEU, 2006), expressões de medo, medo da profanação que o (auto)biográfico pode significar às pretensões de ciências naturais, que ainda figuram em muitas formações das Humanidades. Essa entrada se faz transitando em um terreno que guarda alguma dificuldade, como já disse mais acima, para mentes mais ou menos herméticas, pois lida com o que pode ser narrado pelo sujeito, seu relato, que é composto em parte pelo acontecido propriamente dito, mas, também, por vazios, hesitações, modos narrativos e, com alguma frequência, por ficcionalizações do acontecimento, que são expressões de como o sujeito elaborou como linguagem aquilo que experimentou. A vida, por vezes, necessita de ficção para ser fidedigna aos acontecimentos.

Esse talvez seja o ponto de inflexão e de aposta mais radical feito pela pesquisa (auto)biográfica, de tomar em termos apologéticos, de defender e justificar o lugar da experiência como elaboração da própria existência. É diferente do senso comum educacional, que toma a experiência muitas vezes como acúmulo de tempo de vida, estamos tratando aqui, justamente de algo que não produz consenso, mas “diferença, heterogeneidade, pluralidade” (LARROSA, 2015, p. 34); dizendo de outra forma, a experiência é irrepetível, por isso, ao optar pelo trabalho com ela, abre-se a um grau de desobediência à expectativa do experimento, por sua vez, controlado, homogêneo e não-plural, cuja noção muitas vezes se confunde em nível raso com o conceito que estamos abordando. Talvez resida aí a dificuldade da experiência em adentrar a pesquisa em educação – e nas Ciências Humanas –, em detrimento da expectativa do experimento, pretensamente controlado e reproduzível. Para ser apreendida, a experiência precisa ser encarada como possibilidade de resposta, mas de uma resposta incerta, contingente, cuja versão desvela várias dimensões que o controle do experimento precisa ignorar para garantir sua reprodutibilidade.

Outro elemento que caracteriza a desobediência epistemológica da Pesquisa (Auto)Biográfica é o modo que esta estabelece sua relação com o tempo:

O ser humano faz a experiência de sua vida e de si mesmo no tempo. A temporalidade é uma dimensão constitutiva da experiência humana. O homem experimenta sua existência no sentimento de uma unidade e de uma identidade mantidas através do tempo. Os seres humanos não têm, entretanto, uma relação direta, transparente, com o vivido e com o desenrolar de suas vidas; essa relação é mediatizada pela linguagem e por suas formas simbólicas. Para representar o desdobramento temporal de suas vidas, os homens recorrem a palavras e imagens que têm em comum o fato de designarem um espaço a percorrer no tempo: linha, fio, caminho, percurso, círculo, ciclo, carreira de vida. O homem escreve no espaço a figura temporal de sua existência (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 37).

As narrativas têm a capacidade de operar imitações de uma experiência relacional com o tempo, há entre a atividade narrativa e o caráter temporal da experiência humana certa similitude que não é puramente contingente, mas apresenta uma forma transcultural, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 2012, p. 93), dizendo de outra forma, o tempo ganha forma, ou existência, na narrativa (MATOS-DE-SOUZA, 2015).

Na medida em que o tempo só se torna tempo articulado de maneira narrativa, o que podemos fazer, como sujeitos é reconhecer nosso contexto, nosso tempo e começar deste ponto, não temos nenhuma chance de escaparmos a nossa gramática – por consequência ao nosso tempo narrado, ao calendário, aos anos –, estamos dentro de uma perspectiva de tradição, dentro de uma época, e por

consequência, de nossas heranças culturais e simbólicas. Não há um fora-gramatical, um local que não seja tocado pela linguagem, e a experiência é uma manifestação aguda de nossa finitude. A linguagem é o lugar de existência da linguagem, a expressão da infância do homem, de seu primeiro contato, toque, com alguma coisa (AGAMBEN, 2014a; MATOS-DE-SOUZA, 2015; MATOS-DE-SOUZA; SOUZA, 2015, 2016).

Assim que o tempo narrado é o nosso tempo vivido, a temporalidade estrutura o relato, dando-lhe sentido, forma e marcas intersubjetivas como marco linguístico que possibilita a existência do relato e esse funda-se como afirmação do eu, que se relaciona com o outro, tu, constituindo a comunidade temporal do relato (ARFUCH, 2010). E esse reconhecimento do relato como fundador do tempo narrativo a partir do sujeito é algo que inscreve a Pesquisa (Auto)Biográfica como desobediente a mais um princípio das ciências modernas, a negação do sujeito empírico: “Um conhecimento objetivo, fatural e rigoroso não tolerava a interferência dos valores humanos ou religiosos. Foi nesta base que se construiu a distinção dicotômica sujeito/objeto” (SANTOS, 1988, p. 66-67). Ao contrapor-se a este princípio da modernidade, a exclusão do sujeito, o gesto desobediente ganha contornos radicais, na medida em que ao inserir o sujeito na pesquisa retoma também outro elemento de exclusão, a subjetividade, o que torna ainda mais aguda sua desobediência.

A autobiografia, esta forma de escrita alocada como objeto da pesquisa educacional, em suas diversas oportunidades, provoca o campo educativo a pensar seus limites, seus objetos, na medida em que a escrita de si carrega algo que não se encerra numa narrativa de feitos e acontecimentos na vida de alguém, implicando num complexo movimento de reflexão sobre as práticas culturais, políticas e filosóficas do sujeito em relação com o mundo, o que produz um conhecimento sobre si, sobre sua formação, sobre os outros e o ambiente sociocultural no qual se está imerso (SOUZA, 2006). O próprio movimento de pensar a si mesmo gera para um sujeito em movimento de deslocamento e produção de sua subjetividade, tendo em vista o outro, um possível leitor, gerando um extrato de elementos subjetivos que emergem na narrativa, antes circunscritos à mente do sujeito, incluindo-se aí suas fabulações sobre a realidade.

O autobiográfico, assim, pode ser entendido como uma linguagem da experiência, que guarda as ambiguidades da produção de sentido sobre o que nos tocou, o que nos passou, o que nos aconteceu, reelaborada como texto. E, por isso mesmo, sua ambivalência impressa na linguagem e sua invenção, refletem a própria característica humana de narrar o acontecido reinventando-o. Quando se tenta retirar a ficção – a fantasia – da experiência como algo irreal, seu lugar é ocupado pela razão, pela administração feita pelo cógito e, nesse sentido, uma narrativa autobiográfica refletiria muito pouco o real, na medida que o tomaria

apenas como categoria e pouco diferiria daquilo que já faz a ciência moderna, compartimentando as coisas. Se nos ocupamos com a narrativa é porque ela nos oferece a possibilidade de irmos além, para além das inferências a que os sujeitos da razão já chegaram (AGAMBEN, 2014b; LARROSA, 2015). Com alguma inventividade, os usos do autobiográfico como objeto em educação profanam a experiência, trazendo-a outra vez a humanidade e procurando reafirmá-la e pensar se, de fato, desapareceu, como nos dizem alguns filósofos (BENJAMIN, 1994; AGAMBEN, 2014b) ou ganhou outras possibilidades, menos evidentes e, talvez, mais íntimas. Talvez, seja preciso profaná-la mais, restituindo-a, devolvendo-a ao uso e à propriedade dos sujeitos (AGAMBEN, 2007; MATOS-DE-SOUZA, 2015).

O crescente número de pesquisas que tomam as narrativas como possibilidade investigativa (PINEAU, 2006; MIGNOT; SOUZA, 2015; PASSEGGI; SOUZA, 2017; RAMOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2017; BRAGANÇA; ABRAHÃO, 2016; MEIRELES; SOUZA, 2018) evidenciam como o ato de narrar oferece ao pesquisador um registro distinto daqueles focados no conteúdo, nos discursos etc, permitindo a quem investiga descobrir outras facetas do sujeito, notadamente, mais íntimas e, em outros modos investigativos, inacessíveis. Este acesso ao íntimo abre o universo da pesquisa à descoberta de outros lugares, recônditos por vezes escondidos nas sombras da memória, do não publicado – ou publicável –, do escatológico e do imoral que

emergem no espaço (auto)biográfico como forma dos sujeitos significarem sua percurso vida, suas formas de enfrentamento das sociedades. O que nos leva a outro elemento que faz da pesquisa autobiográfica espaço de desobediência epistêmica, o trabalho com os pequenos números.

As sociedades modernas, melhor, o estado-nação moderno, esta noção de comunidade inventada nos últimos séculos produziu novas formas de contar os sujeitos pertencentes a esta representação, constituindo outras formas de estabelecer o que são majorias e minorias, esses modos de contar estabelecem uma linha tênue entre totalizações como integridade nacional, fantasias raciais e mesmo identidades predatórias que imaginam perigos aos seus anseios de pureza vindos das minorias (APPADURAI, 2009):

Os pequenos números representam um obstáculo muito pequeno entre a maioria e a totalidade ou total pureza. Num certo sentido, quanto menor o número e mais fraca a minoria, mais profunda é a fúria em relação a sua capacidade de fazer que a maioria se sintam como uma mera maioria e não como um ethos inteiro e incontestável (APPADURAI, 2009, p. 47).

Dito isso, pensar os pequenos números representa não somente um ato de resistência às pretensões das majorias, mas uma forma de colocar em jogo outras formas de se pensar as sociedades constituindo movimentos concretos de reivindicações materializados em diferentes movimentos que afirmam modos diferentes de existir. A pesquisa (auto)biográfica, mais notadamente, em suas expressão da

produção das histórias de vida e dos instrumentos de coleta que privilegiam a extensão daquilo que cada sujeito tem a dizer, revelaram-se importante mecanismo de escuta das minorias, e meio através do qual grupos minoritários podem fazer com que suas narrativas reverberem no espectro mais amplo do estado-nação.

As manifestações dos pequenos números, na pesquisa (auto)biográfica, ganha contornos do elogio, na medida em que o campo privilegia as vozes que não são aquelas que tradicionalmente já tinham espaço e lugar de fala garantidos por outros campos e abordagens metodológicas. A ascensão do (auto)biográfico veio *pari passu* com a também ascensão de outras vozes na sociedade, e sem uma intencionalidade historiografada, muito do que poderia ser dito pelos sujeitos em contextos minoritários encontraram nas narrativas de si um modo de expressão em contraposição às formas de expressão das majorias.

As minorias encontram nas expressões das escritas de si um modo de dizer daquilo que sentem, sofrem, mas também, como encaram no conjunto da sociedade o outro e a cultura das identidades predatórias das majorias. Ao dizer de si e dos sofrimentos em muitos níveis por que passa um grupo minoritário, afirma-se um valor subjetivo em relação à pretensa objetividade que, por vezes, não permitia que processos discriminatórios, racistas, classistas e LGBTfóbicos pudessem ser elaborados como linguagem e terem seus sofrimentos e alegrias expressados publicamente.

Ao contribuir no processo de deslocamento do sujeito antropológico clássico, de objeto a sujeito, a pesquisa (auto)biográfica, mas não só ela, é óbvio, num esforço gigantesco daquilo que podemos chamar de ciência pós-moderna (reconheço que o termo começa a cair em desuso, mas, por hora, e na falta de algo melhor, servimo-nos dele) em suas muitas expressões e derivações veio constituindo aberturas, na maioria das vezes talhadas a força, que significam aos pequenos números uma forma de existir num lugar que antes só o reconheciam enquanto objeto de investigação. Dizendo o óbvio, das muitas desobediências epistemológicas que a Pesquisa (auto)Biográfica nos oferece, esta talvez seja sua contribuição mais significativa, a possibilidade de que a escrita e a voz de quem antes estava excluído ganhasse autoria.

Considerações finais... e alguns condicionantes éticos para a desobediência epistemológica

O exercício de problematizar os modos através dos quais a pesquisa autobiográfica pode ser percebida como desobediente em termos epistemológicos não é um exercício unicamente de afirmação de campo, mas um movimento em relação ao outro, que permita a outros campos também perceberem seus movimentos de desobediência e do potente significado que o desobedecer produz nas Ciências Humanas, já que é na quebra de

padrões estabelecidos e dos marcos internos do *status quo* que podemos avançar, criar o novo e pensar outros projetos de sociedade.

Encarar esse caminho, óbvio, não é fácil, pois implica na ruptura com os preceitos de uma ciência educacional moderna, padronizada, acelerada, refratária à subjetividade e que desconsidera os pequenos números. Significa, na maioria dos casos, um ato de nadar na contracorrente, de em sentido filosófico dizer não quando todos dizem sim (MATOS-DE-SOUZA; CASTAÑO GAVÍRIA; SOUZA, 2018). Perscrutar caminhos pouco ou não percorridos é um movimento que envolve riscos, mas mesmo a ciência moderna, com todo o seu controle, produziu seus movimentos de descontinuidade, justamente, quando se arriscou fora das linhas mais comuns, olhando para o que até bem pouco tempo não poderia ser.

Nesse sentido a desobediência epistêmica é movimento ético de natureza decolonial, na medida em que afirma sua posição de ir de encontro aos pressupostos da ciência moderna (MIGNOLO, 2015; MATOS-DE-SOUZA, 2021), afirmando o lugar de um pensamento que ultrapasse os paradigmas da modernidade, sendo transmoderno e buscando situar-se no além das culturas eurocêntricas e nas de reprodução do pensamento eurocêntrico nas sociedades do Sul global: “deve partir de outro lugar, para além do mero diálogo entre eruditos do mundo acadêmico ou institucionalmente dominante. Deve haver um diálogo

multicultural que não pressupõe a ilusão de simetria inexistente entre as culturas”. (DUSSEL, 2016, p. 63-64).

O espaço autobiográfico, quando não se submete aos ditames de um fazer moderno e que, por vezes, nem isso o é, sendo tão somente de grife europeia/do Norte global; produz uma linguagem contextual, do Sul e dos pequenos números em termos narrativos e epistemológicos. Quando o sujeito toma a si mesmo como elemento de reflexão, pode encontrar os meios para produzir uma linguagem própria que apresente seu contexto e formas ao mundo a partir de uma perspectiva, ajudando-nos também a ver que todos falam de sua própria perspectiva, e a pretensa universalidade é apenas o que se impõe.

Dito isso, cabe-nos dizer de alguns elementos éticos da desobediência que subjazem na escrita deste ensaio, mas que precisam ser afirmados quase didaticamente, para facilitar seu eventual uso:

Quando Thoreau (2022) estabeleceu em seu texto os marcos para a desobediência civil, estava lutando contra injustiças de seu tempo e de como estas estavam impressas em dinâmicas sociais. Foi um movimento de reconhecimento. Quando propomos a desobediência em termos epistemológicos não o fazemos como um simples ato de rebeldia, mas por reconhecer como determinados padrões, senso comum ou mesmo o falso circulam em nosso meio produzindo, muitas vezes, um ambiente injusto para quem quer genuinamente pesquisar. Por isso reconhecer os padrões que circulam nas áreas de

conhecimento e recusá-los (este movimento parece radical, mas já o fazemos ao optarmos por uma metodologia e por uma teoria em detrimentos de todas as outras) pode nos ajudar a perceber como as regras do jogo são limitadoras, e não digo que podam o sujeito, o que seria uma obviedade, limitam sujeitos, objetos, modos e formas de se produzir o que chamamos de ciência.

A desobediência implica na invenção do novo. E é muito difícil produzir algo novo reproduzindo o que já vem sendo feito há décadas, há séculos. Caminhar sobre caminho aberto, terraplanado, com vários níveis de calçamento pode ser tudo menos trilhar um caminho novo. Por isso, a pesquisa que não é obediente precisa trilhar um caminho em mata fechada, a ser aberto por instrumentos que nem possuímos, esses precisam também ser inventados. Isto implica em deslocar-se no território, indo para além dos limites predeterminados e impostos de antemão, reconhecendo-os como limitadores epistemológicos e culturais.

Por fim, desobedecer epistemologicamente pode significar um ato de produção teórica e metodológica. Ou seja, de dar nome ao que estamos fazendo ao significar nossos contextos, sem malabarismos para caber em um desejo de adesão teórico-metodológica qualquer. Reconhecer que o que fazemos pode ter um nome próprio, uma marca, que apresente o que fazemos ao mundo. Talvez, precisemos negociar geopoliticamente o que

estamos produzindo localmente, mas só conseguiremos isso se tivermos antes um nome para o que fazemos.

Referências

- AGAMBEN, G. **PROFANAÇÕES**. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2007.
- AGAMBEN, G. **INFÂNCIA E HISTÓRIA: DESTRUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA E ORIGEM DA HISTÓRIA**. BELO HORIZONTE: EDITORA UFMG, 2014A.
- AGAMBEN, G. **O QUE RESTA DE AUSCHWITZ: O ARQUIVO E A TESTEMUNHA**. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2014B.
- APPADURAI, A. **O MEDO AO PEQUENO NÚMERO: ENSAIO SOBRE A GEOGRAFIA DA RAIVA**. SÃO PAULO: ILUMINURAS, 2009.
- ARFUCH, L. **EL ESPACIO BIOGRAFICO: DILEMAS DE LA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÁNEA**. BUENOS AIRES: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 2010.
- BACHELARD, G. **A EPISTEMOLOGIA**. LISBOA: EDIÇÕES 70, 2006.
- BENJAMIN, W. EXPERIÊNCIA E POBREZA. *In*: BENJAMIN, W. **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ENSAIOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA DA CULTURA**. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1994, p. 114-119.
- BERG, M.; SEEBER, B. **THE SLOW PROFESSOR: CHALLENGING THE CULTURE OF SPEED IN THE ACADEMIA**. TORONTO, TORONTO UNIVERSITY PRESS, 2016.
- BOURDIEU, P. A ILUSÃO BIOGRÁFICA. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL**. RIO DE JANEIRO: FGV EDITORA, 2006, p. 183-191.
- BRAGANÇA, I. F. DE S.; ABRAHÃO, M. H. M. B. ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM DOIS TEMPOS: OLHARES SOBRE O CIPA I (2004) E O CIPA V (2012). **REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA**, v. 1, n. 1, p. 31-45, 2016. DISPONÍVEL EM: [10.31892/RBPAB2525-426X.2016.v1.n1.p31-45](https://doi.org/10.31892/RBPAB2525-426X.2016.v1.n1.p31-45). ACESSO EM: 30 DE MAIO DE 2022.
- CURI FILHO, W. R.; WOOD JUNIOR, T. AVALIAÇÃO DO IMPACTO DAS UNIVERSIDADES EM SUAS COMUNIDADES. **CADERNOS EBAPE.BR**, v. 19, n. 3, 2021, pp. 496-509. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.SCIOLO.BR/J/CEBAPE/A/QXCF693WKML6S36RRLBZTMM/](https://www.scielo.br/j/cebape/a/QXCF693WKML6S36RRLBZTMM/). ACESSO EM: 20 DE MAIO 2022.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **PESQUISA NARRATIVA: EXPERIÊNCIA E HISTÓRIA EM PESQUISA QUALITATIVA**. UBERLÂNDIA: EDUFU, 2015.

DELORY-MOMBERGER, C. **A CONDIÇÃO BIOGRÁFICA**: ENSAIOS SOBRE A NARRATIVA DE SI NA MODERNIDADE AVANÇADA. NATAL: EDUFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. TRANSFORMAÇÕES E CENTRALIDADE DA NARRATIVA DE SI NA SOCIEDADE BIOGRÁFICA. *IN*: ABRAHÃO, M. H. M. B.; CUNHAS, J. L. ; VILAS BOAS, L. **PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: DIÁLOGOS EPISTÊMICO-METODOLÓGICOS**. CURITIBA: CRV, 2018.

DUSSEL, E. TRANSMODERNIDADE E INTERCULTURALIDADE: INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO. **SOCIEDADE E ESTADO**, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S0102-69922016000100004](https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004). ACESSO EM: 31 MAIO 2022.

EAGLETON, T. **A FUNÇÃO DA CRÍTICA**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 1991.

FAPESP. PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS POR PAÍSES: CONTAGEM POR AUTORIA E ARTIGO. **PESQUISA FAPESP**, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAPESQUISA.FAPESP.BR/PUBLICACOES-CIENTIFICAS-POR-PAISES-CONTAGEM-POR-AUTORIA-E-POR-ARTIGO/](https://revistapesquisa.fapesp.br/publicacoes-cientificas-por-paises-contagem-por-autoria-e-por-artigo/). ACESSO EM: 20 MAIO 2022.

HEIDEGGER, M. **A CAMINHO DA LINGUAGEM**. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES; BRAGANÇA PAULISTA, SP: EDITORA UNIVERSITÁRIA SÃO FRANCISCO, 2003.

KUHLMANN JR., M. PUBLICAÇÃO EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS: ÉTICA, QUALIDADE E AVALIAÇÃO DA PESQUISA. **CADERNOS DE PESQUISA**, SÃO PAULO, v. 44, n. 151, p. 16-32, 2014. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PUBLICACOES.FCC.ORG.BR/CP/ARTICLE/VIEW/2699](https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/2699). ACESSO EM: 18 MAIO 2022.

LARROSA, J. **TREMORES**: ESCRITOS SOBRE EXPERIÊNCIA. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2015.

LEJEUNE, P. **LE PACTE AUTOBIOGRAPHIQUE**. PARIS: ÉDITIONS DU SEUIL, 1975.

MATOS-DE-SOUZA, R. ANTES DE AUSCHWITZ: ENSAIO SOBRE AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO EM ELIAS CANETTI. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO). DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CAMPUS I, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, SALVADOR, 2015.

MATOS-DE-SOUZA, R.; SOUZA, E. C. O FENÔMENO DA ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA: LOCALIZAÇÕES TEÓRICO-HISTÓRICAS. *IN*: SOUZA, E.C. (AUTO)BIOGRAFIAS E DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA: REDES DE PESQUISA E FORMAÇÃO. SALVADOR: EDUFBA, 2015, p. 173-184.

MATOS-DE-SOUZA, R.; SOUZA, E. C. A (DE)FORMAÇÃO PELA ESCOLA: REPRESENTAÇÕES DE PROCESSOS FORMATIVOS NA TRILOGIA AUTOBIOGRÁFICA DE ELIAS CANETTI. REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, v. 1, n. 2, p. 236-253, 2016. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://DOI.ORG/10.31892/RBPAB2525-426X.2016.V1.N2.P236-253](https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426x.2016.v1.n2.p236-253). ACESSO EM 29 DE MAIO DE 2022.

MATOS-DE-SOUZA, R.; CASTAÑO GAVÍRIA, R.; SOUZA, E. C. PEDAGOGIA DE LA RESISTENCIA: LA NEGACIÓN COMO PIEZA DE (DE)FORMACIÓN. IN: REVISTA PRÁXIS EDUCATIVA, VOL. 22, Nº 2; MAYO-AGOSTO, 2018A. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://CERAC.UNLPAM.EDU.AR/INDEX.PHP/PRAXIS/ARTICLE/VIEW/2682](https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/praxis/article/view/2682). ACESSO EM 18 DE MAIO DE 2022.

MATOS-DE-SOUZA, R. EL NO-LUGAR DE LA EXPERIENCIA DE LA LECTURA. IN GONZÁLEZ, M. A. G. DIVERSIDADES Y INCLUSIONES. DESFRONTERIZAR LENGUAJES ECONÓMICOS, SOCIOCULTURALES Y EDUCATIVOS. MANIZALES: UNIVERSIDAD DE MANIZALES, 2018A, p. 201-215.

MATOS-DE-SOUZA, R. EL COLONIALISMO REVISITADO POR LA MEMORIA. IN GARCIA, O. A. J.; SEDEÑO, M. C.; RAMIREZ I. R. (ORGS.), TERRITÓRIOS, COMUNIDADES Y PRÁCTICAS: CONSTRUCCIÓN DE SABERES EN CLAVE DECOLONIAL. PEREIRA: UNIVERSIDADE LIVRE - SECCIONAL PEREIRA, 2021, p. 164-177.
[HTTPS://REPOSITORY.UNILIBRE.EDU.CO/BITSTREAM/HANDLE/10901/19851/TERRITORIOS,%20COMUNIDADES%20Y%20PRACTICAS_UNA%20LECTURA%20EN%20CLAVE%20DECOLONIAL.PDF?SEQUENCE=1](https://repository.unilivre.edu.co/bitstream/handle/10901/19851/TERRITORIOS,%20COMUNIDADES%20Y%20PRACTICAS_UNA%20LECTURA%20EN%20CLAVE%20DECOLONIAL.PDF?SEQUENCE=1)

MEIRELES, M. M.; SOUZA, E. C. OLHAR, ESCUTAR E SENTIR: MODOS DE PESQUISAR-NARRAR EM EDUCAÇÃO. **REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA**, VOL. 15, N. 39, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTP://REVISTAADMMADE.ESTACIO.BR/INDEX.PHP/REEDUC/ARTICLE/VIEWARTICLE/4750](http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/article/4750). ACESSO EM: 31 MAIO 2022.

MIGNOLO, W. D. 'EPISTEMIC DISOBEDIENCE': THE DE-COLONIAL OPTION AND THE MEANING OF IDENTITY IN POLITICS. **GRAGOATÁ**, v. 12, n. 22, 30 JUN. 2007. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFF.BR/GRAGOATA/ARTICLE/VIEW/33191](https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33191). ACESSO EM: 18 MAIO 2022.

MIGNOLO, W. **LA DÉSOBÉISSANCE ÉPISTÉMIQUE: RHÉTORIQUE DE LA MODERNITÉ, LOGIQUÉ DE LA COLONIALITÉ ET GAMMAIRE DE LA DÉCOLONIALITÉ.** *In:* MIGNOLO, W. **CRITIQUE SOCIALE ET PENSÉE JURIDIQUE**, N. 2. BRISTOL: PETER LANG, 2015.

MIGNOLO, W. DESOBEDEIÊNCIA EPISTÊMICA, PENSAMENTO INDEPENDENTE E LIBERDADE DECOLONIAL. **REVISTA X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021. DISPONÍVEL EM: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.5380/RVX.V16I1.78142](http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78142). ACESSO EM: 18 MAIO 2022.

MIGNOT, A. C.; SOUZA, E. C. MODOS DE VIVER, NARRAR E GUARDAR: DIÁLOGOS CRUZADOS SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA. **REVISTA LINHAS**. FLORIANÓPOLIS, v. 16, n. 32, p. 10 – 33, SET./DEZ. 2015. DISPONÍVEL EM: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.5965/1984723816322015010](http://dx.doi.org/10.5965/1984723816322015010). ACESSO EM: 31 MAIO 2022.

MOROSINI, M (ORG). **GUIA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA**. PORTO ALEGRE: EDIPUCRS, 2019.

OSORIO, L.C. **RAZÕES DA CRÍTICA**. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 2005.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. O MOVIMENTO (AUTO)BIOGRÁFICO NO BRASIL: ESBOÇO DE SUAS CONFIGURAÇÕES NO CAMPO EDUCACIONAL. **INVESTIGACIÓN CUALITATIVA**, VOL. 2, N. 1, 2017, p. 6-26. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.INVESTIGACIONCUALITATIVA.COM/INDEX.PHP/REVISTA/ARTICLE/VIEW/46](https://www.investigacioncualitativa.com/index.php/revista/article/view/46). ACESSO EM: 31 MAIO 2022.

PINEAU, G. AS HISTÓRIAS DE VIDA COMO ARTES FORMADORAS DA EXISTÊNCIA. *In:* SOUZA, E.C; ABRAHÃO, M. H. M. B. **TEMPOS, NARRATIVAS E FICÇÕES: A INVENÇÃO DE SI**. PORTO ALEGRE: EDIPUCRS; SALVADOR: EDUNEB, 2006, p. 41-59.

PINEAU, G. AS HISTÓRIAS DE VIDA EM FORMAÇÃO: GÊNESE DE UMA CORRENTE DE PESQUISA-AÇÃO-FORMAÇÃO EXISTENCIAL. **EDUCAÇÃO E PESQUISA**, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006. DISPONÍVEL EM: [HTTP://DOI.ORG/10.1590/S1517-97022006000200009](http://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200009). ACESSO EM: 31 MAIO 2022

RAMOS, M. D. P; OLIVEIRA, R. C. M.; SANTOS, M. R. ESTADO DA ARTE DA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: UMA ANÁLISE DO PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES. **REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA**, v. 2, n. 5, p. 449-469, 2017. DISPONÍVEL EM: [HTTP://DOI.ORG/10.31892/RBPAB2525-426X.2017.V2.N5.P449-469](http://doi.org/10.31892/RBPAB2525-426X.2017.V2.N5.P449-469). ACESSO EM: 30 MAIO 2022.

RICOEUR, P. **TEMPO E NARRATIVA 1: A INTRIGA E A NARRATIVA HISTÓRICA**. SÃO PAULO: WMF MARTINS FONTES, 2012.

SANTOS, B. S. UM DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS NA TRANSIÇÃO PARA UMA CIÊNCIA PÓS-MODERNA. **ESTUDOS AVANÇADOS**, v. 2, n. 2, 1988, p. 46-71.

DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S0103-40141988000200007](https://doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007). ACESSO EM: 29 AIO 2022.

SOUZA, E. C. **O CONHECIMENTO DE SI: ESTÁGIO E NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**. RIO DE JANEIRO: DP&A; SALVADOR: EDUNEB, 2006.

THOMAS, W.I.; ZNANIECKI, F. **LE PAYSAN POLONAIS EN EUROPE ET EN AMÉRIQUE: RÉCIT DE VIE D'UN MIGRANT**. PARIS: NATHAN UNIVERSITÉ, 1998.

THOREAU, D. H. **LA DÉSOBÉISSANCE CIVILE**. PARIS: TOTEM, 2022.